



Apresentação

Com prazer, a Revista *Atualidade Teológica*, do Departamento de Teologia da PUC-Rio, apresenta sua Edição Especial intitulada “Teologia e Experiências Religiosas”, realizada com o apoio da FAPERJ. Nesse número é apresentada a seção de teologia sistemático-pastoral; no próximo, que compõe a mesma Edição, é oferecida a seção bíblico-teológica.

O título “Teologia e experiências religiosas” engloba, neste número, tanto a relação da teologia cristã com os diversos aspectos das religiões do mundo, quanto o multifacetado fato da experiência do ser humano diante de Deus e do sentido da vida.

Desde que o Vaticano II inseriu as grandes religiões do mundo e o necessário diálogo inter-religioso na agenda teológica, um caminho foi sendo trilhado. Nesse Concílio Ecumênico, a grandiosa abertura da Declaração *Nostra Aetate* (cf. nº 1) lembrou a unidade de origem e de destino de toda a humanidade, radicada em Deus Assim, estabeleceu forte fundamento dessa aproximação dialógica. Nesta esteira luminosa, a Igreja tomou maior consciência de que o diálogo entre as religiões não é opção, mas uma das exigências intrínsecas à sua missão evangelizadora (cf. *Diálogo e Missão* nº 13). Afirmou-se a presença e a atuação universais do Espírito, que atingem “não apenas os indivíduos, mas também a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões” (Encíclica *Redemptoris Missio* nº 28). Na consciência eclesial latinoamericana, brotou o chamado ao diálogo com as religiões indígenas e afro-americanas, “por longo tempo ignoradas ou marginalizadas” (*Santo Domingo* nº 137).

Hoje, quase 50 anos depois da promulgação da Declaração *Nostra Aetate*, há maior consciência das virtualidades de sua proposta. E também dos desafios postos ao discernimento teológico e eclesial, como expressou *Dominus Iesus* (parte VI).

Os desafios se renovam sob o contexto globalizado, que torna visível a interdependência que tudo afeta, das relações econômicas àquelas religiosas e ecológicas. O fundamentalismo e a ênfase unilateral nas afirmações identitárias, sejam elas agressivas ou defensivas, obscurecem a urgente corresponsabilidade de todos, inclusive das religiões, quanto ao destino da terra, que é inseparável do destino humano. Corresponsabilidade que inclui a defesa e luta pela cidadania e pela paz dos bilhões de seres humanos que habitam o mesmo planeta. É preciso reconhecer que um maior conhecimento e diálogo entre as religiões trazem um mutuo enriquecimento. Afinal, as religiões são importantes atores na construção de um caminho de paz e de convivência entre as pessoas, os povos e o próprio planeta que nos une a todos.

Por sua vez, o tema da “salvação”, tão central para a teologia cristã, segue sendo um dos de maior atualidade e, porque não dizer, dificuldade, diante do atual pluralismo religioso. É preciso encorajar o esforço teológico de aprofundamento nos “caminhos só por Ele conhecidos” (AG 7) pelos quais a graça de Cristo, pela Igreja, atinge os não-cristãos. A presente edição se ocupa também desse tema.

Quanto à dimensão experiencial da religião, muito se tem escrito. Não há dúvida de que a mística é, enquanto experiência do mistério de Deus, um dos temas catalisadores da investigação teológica contemporânea. Aceitando que toda verdadeira experiência de fé é mística, pois a fé apenas se realiza como tal na experiência, não sendo suficientes, embora internamente necessárias, a orientação ética e a confissão dogmática, podemos afirmar que ainda há muito para se dizer sobre a experiência cristã de Deus em suas linguagens diversas, inclusive a poético-literária.

Portanto: como a teologia vem se relacionando com a diversidade religiosa? Como vem tratando o tema da experiência, com suas características próprias e sua linguagem plural? Um substancial conjunto de artigos busca abordar tais questões, abrilhantado pela contribuição de *J. Moltmann*, que abre essa edição. Passamos a uma breve apresentação dos artigos.

J. Moltmann propõe uma nova perspectiva para as religiões do mundo, a perspectiva ecológica. Em seu artigo *A Common Earth Religion. World Religions from an Ecological Perspective*, propõe a necessária passagem do conceito de “mundo” para o conceito de “terra”. “Terra” compreendida não

como um aglomerado de matérias e forças, não reduzida ao desenvolvimento das culturas humanas, mas como sujeito, “Gaia”, que sustenta e cria as condições necessárias para a vida, em que as diferentes experiências religiosas se manifestam. Acolhendo a intuição do Taoísmo, mostra a importância de se compreender a terra para se compreender a humanidade. Desta forma, aponta para a necessidade de se perceber dialeticamente a conexão entre a compreensão da vida e da terra a partir do ponto de vista humano e, ao mesmo tempo, compreender a humanidade e a vida a partir da perspectiva da terra. Seu artigo é um convite às religiões para resgatar a sabedoria ecológica, a reverência e o respeito pela terra, em nosso contexto pós-industrial. As religiões do mundo são convidadas a ser uma religião da terra comum, para uma vida harmoniosa, em que Criador e criaturas, com Ele, cuidam desse sinal do seu amor.

Maria Freire da Silva, a seguir, analisa um aspecto do pensamento de Moltmann em *A Criação e a Questão Ecológica no Pensamento de Jürgen Moltmann*. Apresenta contribuições do pensamento desse autor quanto à situação ecológica e quanto à ética da criação. A noção de libertação das pessoas está relacionada à comunhão com a natureza.

O artigo seguinte é de Catherine Cornille e se intitula *Religious Pluralism and Christian Faith. A Case for Soteriological Agnosticism*. Trata a pluralidade religiosa como uma realidade marcante do nosso tempo, provocando debates, mudanças e controvérsias no âmbito teológico cristão. Percebe como o principal elemento em debate é soteriológico e eclesiológico, pois diz respeito à salvação dos não-cristãos e sobre o valor redentor da ação de Jesus Cristo e a necessidade da Igreja como continuadora dessa obra no mundo. Analisa a afirmação *extra ecclesiam nulla salus*. Nesse sentido, a autora propõe a atitude do “agnosticismo soteriológico” como atitude humilde, que leva a não afirmar ou negar a presença da plenitude da graça salvífica em outras religiões. Esta atitude é também aberta ao diálogo que ajuda a vencer preconceitos e a perceber a presença e a ação de Deus nas outras religiões com a sua graça, sem julgamentos apriorísticos.

Em seguida, encontramos dois artigos que trabalham sob distintas perspectivas a experiência religiosa cristã. O primeiro, de Ismael Souza, *Reflexão cristológico-trinitária. Contribuições para compreensão da experiência religiosa e da espiritualidade como aproximações para o diálogo inter-religioso*, em que o autor, a partir da experiência religiosa e da espiritualidade de Jesus de Nazaré, coloca a importância da experiência e da espiritualidade para a reflexão sobre a noção de Deus e para o diálogo inter-religioso. O segundo

artigo, de Renato da Silva Machado, intitula-se *Teologia e experiência. Uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia* e aponta para a importância da experiência para a pertinência teológica, bem como coloca a experiência como raiz e fim da teologia.

Os três artigos seguintes tocam no tema da teologia e da experiência religiosa a partir de fronteiras: o primeiro com a linguagem literária, o segundo com a teologia pública e o terceiro com as realidades de não-sentido. Alessandro Rocha ressalta elementos libertadores da experiência religiosa narrada literariamente em *Trânsito religioso como condição exodal: Itinerário religioso em 'A Eternidade e o Desejo' de Inês Pedrosa*. Em seguida, Carlos Alberto Motta Cunha apresenta *Teologia Pública e o conceito de "fronteira" no pensamento de Paul Tillich*, em que percebe, no conceito de "fronteira", de Tillich, uma possibilidade epistemológica de realizar a teologia pública, e correlacionar idéias, conceitos e pensamentos totalmente diferentes. Abdruschin Schaeffer Rocha trabalha, em *A Ausência de Sentido e o Sentido da Ausência. Propostas para uma Teologia da Revelação a partir da dinâmica velamento-desvelamento*, o conceito barthiano de revelação, em que a "ocultação" e a "ausência" podem contribuir na reflexão sobre a revelação em situações de ausência de sentido, propondo um sentido para a ausência.

No último artigo, *Rahner e a Liberdade do Teólogo*, Luís Corrêa Lima estuda um artigo de K. Rahner, em que o importante jesuíta defende a liberdade de pesquisa e de expressão do teólogo como fundamentais para a própria teologia.

Atualidade Teológica apresenta, ao final, um resumo das Dissertações de Mestrado desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, ao longo de 2011. Com isso, busca facilitar o acompanhamento dos interesses da investigação teológica nesse Departamento.

Esperamos que o(a) leitor(a) aprecie os estudos aqui oferecidos. Santa Teresa de Jesus, a grande Doutora da Igreja, dizia que os grandes teólogos eram queridos por Deus para ser "luz de sua Igreja" (5*Moradas*1,7). Que, de fato, teólogos e teólogas possam realizar este objetivo: contribuir para o discernimento eclesial nos nossos atuais contextos.

Rio de Janeiro, abril de 2012.

Prof^a. Lúcia Pedrosa-Pádua